

RUA BEIJA-FLOR

Decreto nº 5246 de 07-10-1977

Formada pela rua 4 da Vila Padre Manoel de

Nóbrega - la. parte

Início na rua Canário

Término na rua Codorna

Vila Padre Manoel de Nóbrega

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 8.957 de 15-04-1977.

BEIJA-FLOR

Indubitavelmente, é o Beija-Flor uma das expressões máximas de beleza da natureza. Vertebrado, da classe das aves, da ordem dos Apodiformes, pertence à numerosa família dos Troquilídeos. São diminutos, graciosos, espertos, ágeis, belíssimos e provocam enorme admiração. O bico do Beija-Flor é, na sua maioria das vezes, tão comprido quanto o resto do corpo, sendo que em algumas ocasiões, é até maior. A alimentação de um Beija-Flor é baseada em proteínas e carboidratos. À medida que ele vai crescendo, a proporção de carboidrato aumenta, até que o total da alimentação se divida em 1% de proteína e 99% de carboidrato. É deste elemento que vem a imensa energia que ele consome. Seus batimentos cardíacos - que chegam até 1500 por minuto durante o dia - caem à noite quando sua temperatura baixa em média sete graus - de 42-43 para 34-35 quando então ele começa a dormir. Quando a temperatura desce a 14 graus, seu corpo entra em estado de hibernação, no qual permanece de 14 a 16 horas no máximo. Os Beija-Flors são classificados, basicamente, em espécies sedentárias e migratórias e só existem na América. Os migratórios chegam a percorrer nove mil quilômetros. Os que vão do Alasca até o golfo do México, param de 900 em 900 quilômetros em geral, uma média de 20 a 24 horas. Baixam à terra por 15 dias, durante os quais engordam dois gramas e voltam ao céu por outros tantos quilômetros. Do Alasca ao estreito de Magalhães os Beija-Flors são encontrados, sendo que no Brasil, habitam em maior número nas regiões montanhosas dos Estados da Bahia, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Conforme a região o Beija-Flor recebe uma designação popular, tais como: Beija-Flor, Chuupa-Flor, Pica-Flor, Zum-Zum, Jóia Viva, Colibri ou pétala alada.

DECRETO N.º 5246, DE 7 DE OUTUBRO DE 1977

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas a seguir descritas, localizadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, 1.a Parte;

“RUA ALBATROZ” a Rua 1, com início na divisa do loteamento citado no caput deste artigo e término na Rua 9 do mesmo loteamento;

“RUA ARAPONGA” a Rua 2, com início na Rua 1 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

“RUA AZULÃO” a Rua 3, com início na Rua 9 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

“RUA BEIJA-FLOR” a Rua 4, com início na Rua 9 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

“RUA BEM-TE-VI” a Rua 5, com início na Rua 9 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

“RUA BIGUA” a Rua 6, com início na Rua 10 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

“RUA BATUIRA” a Rua 7, com início na Rua 10 e término na Rua 11 do mesmo loteamento;

“RUA COTOVIA” a Rua 8, com início na Rua 10 e término na divisa do mesmo loteamento;

“RUA CANÁRIO” aquela formada pelas Ruas 9 da 1.a Parte e 26 da 2.a Parte do loteamento supra mencionado, com início na divisa Sul e término na divisa Norte do mesmo loteamento;

“RUA DO CISNE” a Rua 10, com início na Rua 4 e término na Rua 7 do mesmo loteamento;

“RUA CONDOR” a Rua 11, com início na Rua 4 e término na Rua 8 do mesmo loteamento;

“RUA CODORNA” a Rua 12, com início na Rua 1 e término na Rua 8 do mesmo loteamento;

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de outubro de 1977

DR. FRANCISCO AMARAL

Prefeito do Município de Campinas

DR. RALPH TORTIMA STETTINGER

Secretário dos Negócios Jurídicos

Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO

Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protocolado n.º 8.957, de 15 de abril de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 7 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA BEIJA - FLOR

(Denominação dada pelo Decreto 5246, de 7 de outubro de 1977, à Rua Quatro da Vila Padre Manoel de Nóbrega, la. parte, com início à Rua Canário e término à Rua Codorna).



BEIJA-FLOR — Vertebrados — Classe: Aves — Ordem: Apodiformes. Nome genérico vulgar, com o qual se conhecem os membros da numerosa família dos Troquilídeos. São diminutos, graciosos e espertos e provocam grande admiração,

O bico dessas belas aves é, via de regra, tão comprido quanto o resto do corpo inteiro, às vezes até maior. É de aproximadamente 120 formas o total que integram a avifauna brasileira. Têm plumagem brilhante, a qual, de acôrdo a posição em que se encontra a ave, aviva-se ou esmaece. Esse fenômeno se efetua, devido às minúsculas penugens, que formam cada pluma, igual às facetas do diamante, e que devido à sua disposição, refletem a luz

O anãozinho dos beija-flôres deve ser o beija-flor-das-fadas, ou beija-flor-abelha (de Cuba), que tem o comprimento de 5 cm; a cauda e o bico medem mais que o resto do corpo.

Os beija-flôres-gigantes, presume-se que sejam os do gênero Patagona, que ocorrem nos Andes do Equador, Peru, Bolívia, Argentina e Chile, os quais alcançam mais de 20 cm de comprimento. No Brasil, acham-se representados pelo Gênero Topaza, com duas espécies, as quais seguem, em tamanho, aos Patagona andinos. Os Topaza machos adultos são os beija-flôres mais curiosos e brilhantes de todos os troquilídeos neotrópicos, tanto pelo seu notável tamanho e a forma de sua cauda, como pela variedade de cores e brilhantismo de sua plumagem.

Essas aves são originárias da América e encontradas desde o Alasca e Canadá, até o estreito de Magalhães. Por sua plumagem deslumbrante, são caçados desde o tempo dos Astecas. No Brasil habitam em maior número nas regiões montanhosas dos Estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Gêneros como Rhanphodon, Melanotrochilus, Aphantochroa, Augastes e Chytolcama, pertencem à faixa sudeste do Brasil.

Algumas variedades existentes: beija-flor-do-mato (Rhanphodon noevius); beija-flor-prêto (Melanotrochilus fuscus); Beija-flor-de-papo-branco (Leucochlorio albicollis); beija-flor-verde (Aphantochroa cirrochloris); beija-flor-vermelho (Chrysilampis elatus).

A voz do beija-flor é chamada de arrular, ruflar ou trissar.

LENDAS, MITOS E CRENDICES

J. M.

Os beija-flores, velozes mensageiros

Impressionados pelos rapidissimos movimentos dos beija-flores, nossos silticolas criaram uma lendazinha ingenua para explicar seu voo ligeiro e nervoso, como se estivessem sendo perseguidos.

Todos os passaros, aves e passarinhos da mata tinham sido convidados para a festa da primavera, dessa vez no palacio dos beija-flores. Lá estavam todos: cantadores, gritadores, assobiadores, faladores, como o ferreiro, o alfaiate, o musico, o forneiro, o cardeal, o juiz do mato, o juiz de paz, o capitão de bigode, o capitão das porcarias, o sabiá, o gaturamo, o azulão, a maria-branca, a maria-cavalheira, a maria-faceira, a maria-mole, a maria-muiata, a maria-preta, o dançador, o casaca-de-couro, o dorminhoco, o João-barbudo, o João-bobo, a mariquinha, o pica-pau, o caboré, o bem-te-vi, o cara-suja, e muitos outros... todos!

O banquete já estava preparado e as guloseimas bem guardadas num lugar alto e escondido. Os filhinhos do casal de beija-flores, que são traquinas e doidos por doce, andavam de um lado para outro e mamãe beija-flor, que bem os conhecia, vigiava-os. De repente, viu que eles tinham desaparecido. Foi procurá-los e encontrou-os... já empanturrados com as guloseimas da sobremesa. Tinham comido tudo! E agora? Não havia tempo de preparar os doces de novo. E a mamãe, muito zangada, disse-lhes:

— Agora, vocês vão, a toda velocidade, colher o mel das flores e trazer para cá. Muito depressa. Vão e voltem, até encher tudo de mel.

E' por isso que, até hoje, os beija-flores vivem naquela correria nervosa, de flor em flor, colhendo mel.

(Do jornal "Folha de S. Paulo")

Lendas, Mitos e Crendices do Brasil

J.M.B.

Os beija-flores e a sobremesa

OS beija-flores são, como se sabe, passarinhos que só existem na America. Os nossos indigenas, observadores como são, viram a rapidez extraordinaria com que voam essas jóias aladas, seus rapidos movimentos, sua pressa em sugar o nectar das flores; e criaram uma lenda para explicar tal afã:



Realizava-se a festa da primavera das aves e todos os passaros e passarinhos foram convidados para o grande banquete no palacio dos beija-flores. Lá estavam todos, cantores, gritadores, assobiadores, faladores: o Ferreiro, o Alfaia-te, o Musico, o Fornoiro, o Cardeal, o Juiz do Mato, o Juiz de Paz, o Capitão de Bigode, o Capitão das Porcarias, o Sabiá, o Caturamo, o Azulão, a Maria-Branca, a Maria-Cavalheira, a Maria-Faceira, a Maria-Mole, a Maria-Mulata, a Maria-Preta, o Dançador, o Casaca de Couro, o Dorminhoco, o João-Barbudo, o João-Bofo, a Mariquita, o Pica-Pau, o Caboré, o Bem te Vi, o Carasuja... todos! O banquete já estava preparado e as guloseimas da sobremesa guardadas num lugar alto.

«Os filhinhos do casal de

Beija-Flores andavam de um lado para outro, inquietos. Mãe Beija-Flor, que os conhecia, estava de olho neles. De repente, viu que os garotos tinham desaparecido e foi dar com eles, como esperava, comendo a sobremesa. E agora? Já estava começando o banquete. Não havia tempo de preparar tudo de novo e ela ordenou:

— «Agora, vocês vão, a toda a velocidade, colher mel, muito mel e tragam tudo aqui. Muito depressa!»

«Os bichinhos saíram como relampagos para cumprir a ordem. E até hoje vivem assim, com a rapidez do raio.»

(Recorte do jornal "Folha de São Paulo")



O Globo
26-10-77

Os beija-flores, energia pura

BIOLOGO
AUGUSTO
RUSCHI

"A região tropical é a mais rica do mundo", diz Ruschi em seu depoimento no filme "Há seis anos iniciamos estudos aqui no museu, realizados por colegas americanos, que foram encerrados em 1974." Ruschi conta que no momento eles preparam suas conclusões — que serão programadas e revistas por computadores — e "então poderemos saber a produção da nossa bio-massa, o seu consumo e a sua redução".

— Por outro lado, estamos estudando espécies que estão sendo exterminadas, sem que se conheça seu fator de equilíbrio biológico na natureza, como os morcegos. Há entre eles vários tipos: frutívoros, carnívoros e os hemófagos, que se alimentam de sangue. Estamos desenvolvendo também macacos híbridos com o objetivo de estabelecer seus tipos. No borboletário, estamos procurando conhecer e aperfeiçoar os conhecimentos sobre as escamas iridescentes das suas asas.

Respeitado por seus trabalhos sobre as orquídeas e na biologia marinha, Ruschi passou a ser conhecido mundialmente pelo seu esforço na preservação da fauna e flora e, sobretudo, como ornitólogo dedicado aos beija-flores, neles que o filme realizado por Orlando Bonfim mais se detém, ao menos em sua primeira fase. Se a simples observação do seu comportamento nos deslumbrava, e a descrição etiológica que esclarece o seu fenômeno. Do depoimento gravado de Augusto Ruschi para o filme:

— O beija-flor é intrinsecamente ligado à natureza, ao seu habitat. Em geral a destruição de uma espécie está vinculada à caça, a ação predatória do homem. No caso dos colibris, que no Brasil vivem principalmente nos campos e pradarias, a sua destruição é o resultado da depredação das matas. Exterminando-se o habitat, destrói-se tudo.

A alimentação de um beija-flor é baseada em proteínas e carboidratos. A medida que ele vai crescendo, a proporção de carboidrato aumenta, até que o total da alimentação se divide em 19% de proteína e 81% de carboidrato. É deste elemento que vem a imensa energia que ele consome. Seus batimentos cardíacos — que chegam até 1500 por minuto durante o dia — caem à noite quando sua temperatura baixa em média sete graus — de 42-43 para 34-35 quando então ele começa a dormir. Quando a temperatura desce para 14 graus seu corpo entra em estado de hibernação, no qual permanece de 14 a 16 horas no máximo. "Estamos estudando a sua cardiologia para descobrir o que provoca esta hibernação" diz Ruschi.

Classificados basicamente em espécies sedentárias e migratórias, os beija-flores só existem na América. Os migratórios chegam a percorrer nove mil quilômetros, relata Ruschi.

— Os que vão do Alasca até o Golfo do México param de 90 em 900 quilômetros, em geral, uma média de 20 a 20 horas. Baixam à terra por 15 dias



Em Santa Teresita, uma paisagem ainda preservada

durante os quais engordam dois gramas e voltam ao céu por outros tantos quilômetros. Quando chegam ao local desejado se reproduzem e regressam à terra natal. Já os sedentários sobem até mais de cinco mil metros de altitude.

De todos os espetáculos proporcionados por este minúsculo passaro de 14 gramas em média o mais interessante talvez sejam as fases do seu acasalamento. Elas são em número de cinco aproximação, perseguição da fêmea, apresentação, exibição da plumagem e copula, que dura apenas dois segundos. Arrivés do depoimento de Ruschi, elas podem ser assim descritas:

Estas observações se integram na etiologia — ciência do comportamento dos animais — e foram aproveitadas por Konrad Lorenz, prêmio Nobel de Medicina em 1974, em sua teoria dos liberadores da agressividade animal. Na verdade, o filhote já tem conhecimento da mãe desde o ovo. Na incubação, ele ouve o canto da mãe quando este no ninho. E, desde o ovo, o filho responde ao chamado. Na aproximação para o acasalamento, o macho se coloca a uma distância de seis até cem metros do ninho da fêmea. Se a fêmea aceita o macho, ela sai em voos horizontais e verticais, caso contrário, ela se recolhe ao ninho. A perseguição se sucede a apresentação de macho e fêmea em sucessivas revoadas. Da-se, então, o mais belo momento do processo: a exibição da plumagem do macho para a fêmea. Ele tem que estar com a plumagem perfeita, as penas nos lugares, com sua mais nítida coloração e forma, para poder exibir a fêmea. Esta é uma espécie de estímulo que a fêmea recebe para o acasalamento que se manifesta primeiramente como conquista psicológica e se concretiza depois como posse física. O canto, a exibição da plumagem envolvem a fêmea na

conquista psicológica que torna possível a física. Neste instante, após piruetas e revoadas cujo som se assemelha a um bater de castanholas, ocorre o que chamamos um paroxismo há uma parada no céu. Se a fêmea aceita o macho, ela se coloca numa posição — que o macho reconhece — e então ocorre o acasalamento.

Após o encontro o macho não interfere no ninho, que fica sob responsabilidade da fêmea. Ela incuba, e este processo pode durar de 20 a 35 dias. Segundo Ruschi, "isto depende do tempo em que ela dá as rações alimentares — que são em número de 37".

"Em nosso viveiro, reproduzimos quase todas as espécies, das 350 existentes no mundo, temos mais de 270, o que representa dois terços", conta Ruschi.

— Desde 1928 trabalhamos na reprodução dos colibris. O primeiro trabalho foi publicado em 1933. Agora estamos fazendo a monografia do Brasil, que vai sair com 150 pranchas coloridas e uma completa descrição da etiologia. Num trabalho paralelo, para a sistemática da espécie, estamos fazendo o levantamento da dimensão, peso etc.

Augusto Ruschi, em sua simplicidade, não esconde a formação de um cientista por vocação e as vezes, conforme observa Orlando Bonfim, "espontâneo e intuitivo". Seria impossível, lembra Orlando, fazer um filme como este sem a presença preciosa deste cientista, que "aos quatro anos fuga atrás dos passarinhos e aos 12 anos desenhava orquídeas" e através dos estudos da polinização das orquídeas chegou aos beija-flores. Na Bienal de Arquitetura de 1974, uma sala exibia 180 desenhos de orquídeas feitos por Ruschi entre dez e 15 anos de idade.

Ao lado de seu amor pelos beija-flores ou chupa-flores, pica-flores, zum-zum, zum-zum, jóias vivas, colibris, pétalas aladas, em seus vários nomes de designação popular, o cientista conserva o vigor que lhe permite lutar pela preservação do equilíbrio biológico da natureza.

— É preciso despertar as autoridades para a preservação das florestas e caatingas e todos outros tipos de terra existentes no país. Estamos fazendo um levantamento das águas de Santa Teresita. E de estarrecer a sua degradação de águas puras em barrentas. Em vez de plantar coisas úteis, plantamos coisas exóticas. Reflorestamos com eucalipto, que é economicamente aproveitável, quando só é possível reflorestar com as essências do lugar: é a técnica do polimorfismo que compreende de 40 a 50 essências por hectare. Este processo é utilizado em países como o Canadá, a Finlândia, a Austrália e também no Alasca. Aqui no Brasil se planta o que quer, quando se quer e onde se quer. Não há nenhuma lei protegendo a natureza dessas arbitrariedades.

(Recorte do jornal "O Globo", do Rio, de 26-10-1977, num artigo do biólogo Augusto Ruschi)